
Revista de História e Memória mantida por grupos de pesquisa em História sediados nas universidades federais do Rio Grande do Norte (UFRN) e de Sergipe (UFS) e nas universidades Regional do Cariri (URCA) e do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)



Oyèrónké Oyewùní | Imagem: [Portal Geledés](#)

De onde vêm nossas referências?

Resenha de *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*, de Oyèrónké Oyewùní

Recebido em 22/12/2025 e publicado em 20/07/2026

Evelyn de Almeida Orlando

Resumo: *A invenção das mulheres*, de Oyèrónké Oyewùní, documenta a construção do gênero na sociedade iorubá e nos estudos acadêmicos. A resenha aponta repetição argumentativa e uso seletivo da bibliografia, mas valoriza a abordagem inovadora, a crítica ao universalismo ocidental e o deslocamento epistemológico que a obra provoca.

Palavras-chave: gênero; sociedade Yorubá; estudos africanos; colonialismo; epistemologia.

O livro *A invenção das mulheres*: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero, de Oyèrónké Oyewùní, tem como objetivo “documentar por que e como o gênero veio a ser construído na sociedade iorubá do sudoeste da Nigéria [...] e como o gênero é constituído como uma categoria fundamental nos estudos acadêmicos sobre os povos iorubás.” (p. 25).



Oyèrónké Oyewùní é nigeriana, cientista social, teórica e feminista. Fez a maior parte de seus estudos na Nigéria. Seu doutorado, no entanto, realizou na Universidade da Califórnia. Sua tese foi publicada em livro em 1997 e chegou ao Brasil em 2021, traduzido por Wanderson Nascimento, professor e pesquisador de Filosofia da UNB, especialista em filosofias africanas. A obra foi publicada pela editora Bazar do Tempo, editora independente com foco em temas de relevância cultural e social com ênfase em questões raciais e história do Brasil e em produções de mulheres que são referências em seus campos de atuação. A autora dispensa um prefaciador, assumindo o prefácio da obra. A versão em português, no entanto,

conta com um posfácio de Claudia Miranda, professora e pesquisadora da UNIRIO, referência em pensamento decolonial latino-americano.

A obra se divide em prefácio, cinco capítulos seguidos de agradecimentos, notas, posfácio, bibliografia e índice remissivo. De modo geral, o livro trata, segundo a autora, “da mudança epistemológica ocasionada pela imposição das categorias de gênero ocidentais sobre o discurso iorubá” (p. 15) e giram em torno de dois argumentos centrais: as categorias ocidentais não funcionam para compreender as sociedades iorubás, e esse é um cuidado que os pesquisadores precisam ter; as “mulheres” são uma categoria ocidental trazida pela colonização.

O ponto de partida da autora, no capítulo 1, passa por estabelecer as diferenças entre os esquemas de classificação ocidental e iorubá. Ela questiona as suposições ocidentais sobre diferenças sexuais para interpretar a sociedade iorubá, muitas delas presentes também nos movimentos feministas. As ideias de gênero como categoria universal, atemporal e como princípio organizador fundamental em todas as sociedades, assim como a subordinação das mulheres como algo universal, não se aplicam às sociedades iorubás antes da colonização. É nessa chave antagônica que a autora constrói uma narrativa que começa pela compreensão dessa epistemologia do conhecimento ocidental aplicado à sociedade iorubá e os efeitos dessa dominação também no campo epistemológico.

No segundo capítulo Oyewùní analisa a sociedade Oyó-Iorubá, destacando a cosmo percepção iorubá, o lugar da mulher nessa sociedade, alguns aspectos da estrutura social e mostrando como o gênero é uma construção teórica e ideológica que não dá conta dessa estrutura. Aceitar, pois, essa referência nos Estudos Africanos, aceitando a mulher e o patriarcado sem explicação, privilegia “o modo ocidental de ver e apaga o modo iorubá de ser” (p. 131). Para a sociedade iorubá, o tempo do gênero viria durante o período colonial, ele não é um dado em si mesmo. Essa relação do gênero com o colonialismo é desenvolvida nos capítulos seguintes.

É nessa chave que a autora apresenta no terceiro capítulo uma discussão sobre a invenção dos homens e reis na escrita da história de Oyó, apontando a marca de gênero não apenas enquanto categoria orientadora da estrutura social, mas da própria escrita da história. A autora defende sistematicamente que, desde o período colonial, a história iorubá foi reconstituída por meio de um processo de invenção de tradições generificadas que

generifica o que não tem gênero e cria as categorias “homem” e “mulher”, inventando uma história andocêntrica para a África.

No quarto capítulo Oyewùmí estabelece relação entre gênero e colonialismo e mostra como a colonização, de muitas maneiras, introduziu a categoria de gênero na sociedade iorubá e estabeleceu o estado do patriarcado e, consequentemente, a inferiorização das fêmeas. A autora defende que o colonizador mobilizou diversas estratégias para inferiorizar as fêmeas iorubás, as quais tornaram-se “subordinadas assim que foram ‘transformadas’ em mulheres” (p. 227). Ela aponta, ainda, como a introdução do cristianismo e da educação ocidental foi basilar para a estratificação da sociedade tanto do ponto de vista de classe quanto de gênero. E destaca que dois processos se entrelaçaram na colonização europeia na África: a racialização (que produziu a inferiorização dos africanos) e a inferiorização das fêmeas.

O quinto capítulo interroga o problema do bilinguismo e os efeitos das traduções culturais em um cenário em que uma das línguas (o inglês) é generificada, enquanto a outra (o iorubá) não. Argumenta que, no caso do iorubá que é uma língua sem especificidades de gênero, assumir essa linguagem generificada produz distorções da realidade, na medida em que não só produz e apaga sujeitos, a partir de sua anatomia, como muda a estrutura social em sua base. Na Iorubalândia, tanto fêmeas quanto machos possuem vários papéis que mudam de um momento para o outro e de um ambiente social para o outro. O perigo dessa tradução cultural, no entanto, é que a linguagem produz comportamentos e isso se reflete também no campo da produção do conhecimento. Isso se revela, inclusive, nas nossas próprias perguntas de pesquisa. O problema da linguagem de gênero em um mundo sem gênero é que “se tiverem consciência de gênero, tenderão a ‘ouvir’ distinções de gênero na fala. O gênero é uma maneira de ver e ouvir o mundo.” (p. 256).

Em resenha publicada em 2023, Sandra Tanhote Sousa afirmou a relevância da obra *A Invenção das Mulheres* para os estudos brasileiros. A autora observa a originalidade da obra e afirma que embora Oyewùmí esteja buscando categorias próprias para algumas sociedades africanas como a iorubá, a obra tem muito a ensinar ao pensamento social brasileiro. Concordamos com a resenhista no sentido de que há uma perpetração de epistemologias ocidentais em nossa produção de conhecimento como efeito da colonização e que incorporamos tais visões de mundo, muitas vezes, como configurações dadas e orientadoras de nossa leitura de mundo e das nossas problemáticas de pesquisa. Todavia, atribuir pioneirismo à obra em relação à problemática da colonialidade do saber e à ideia de “vácuo conceitual” resultantes desse processo, desconsidera toda a produção que temos tido no Brasil, na América Latina, na Índia e mesmo nos EUA e em África antes da pesquisa de Oyewùmí. Esse reconhecimento é importante para situar a autora nos debates acerca das novas epistemologias do conhecimento, mas ela não está só e não inaugurou essa discussão nos anos noventa, embora a construção narrativa que adota na obra nos leve a essa impressão equivocada

Para nós, é certo que a obra tem como premissa marcar que as teorias ocidentais não servem para explicar as sociedades e modos de existência africanos, e essa é uma ideia que se repete muitas vezes em todo o texto. A autora toma muitas pesquisas contemporâneas como fontes, exemplificando as representações que produzem ao assumir, sem problematizar, as referências ocidentais para os Estudos Africanos. No entanto, o reforço do argumento central, que pode ser lido como estratégia metodológica, acaba por tornar o texto repetitivo. Ao tomar as pesquisas contemporâneas como fontes (é digno de nota o conjunto expressivo de bibliografia que mobiliza), a autora se vale apenas daquelas que corroboram com o seu argumento, mas não mobiliza nenhuma pesquisa que problematize

as referências ocidentais na construção do pensamento e dos modos de viver dos africanos. Essa escolha produz uma marca no campo acadêmico de inauguração de um debate que supostamente ainda não estava colocado. Considerando que o texto original foi produzido na década de 1990, a produção que temos hoje avançou bastante, mas já havia debate, produção e interlocução que poderiam ter sido mobilizados, e esse é um cuidado que a obra demanda.

A produção, no entanto, é inovadora no modo em que aborda a ocidentalização dos Estudos Africanos a partir do conceito de gênero e da categoria “mulher”, mostrando como essa é uma construção colonial que ainda sustentamos. A autora faz uma forte crítica também aos movimentos feministas ocidentais. Ela afirma que todas as sociedades percebem o corpo como generificado e assumem o gênero como princípio fundador que separa homens e mulheres em posições sociais de forma homogênea, universal e atemporal.

É, portanto, um marco referencial nos estudos de gênero, sobretudo por dois traços: a afirmação do pensamento e dos modos de existência africanos e a necessidade de deslocamento que nos provoca em relação ao uso de categorias importadas do Ocidente e do processo de colonização, como por exemplo a de gênero. Apesar do título, este livro não aborda a questão da mulher, ao contrário, mostra como este é um problema importado do Ocidente, uma vez que as sociedades iorubás não se organizam com base nesse princípio classificador.

Assim, de modo geral, a obra cumpre o que promete, na medida em que efetivamente nos provoca, a partir de uma dada experiência social e cultural – no caso, a organização da sociedade iorubá pré-colonial – a pensar: De onde vêm nossas referências? Em que medida elas efetivamente dizem de nós e auxiliam na compreensão acerca de nossos processos formativos e de constituição como indivíduos e sociedade? Até que ponto as teorias que temos utilizado já orientam, de antemão, nossas questões de pesquisa e até mesmo nossos resultados de pesquisa? Essas provocações são postas mesmo em caso de contestação dessa estrutura generificada, como se dá nos estudos feministas. A obra nos provoca a pensar nos efeitos dessa generificação em outras sociedades colonizadas, como o Brasil e os demais países da América Latina. Considerando o contexto diaspórico que nos constitui, o quanto dessas representações não estereotipam parte significativa das nossas populações, sobretudo femininas? O livro *A invenção das mulheres* nos tira de uma zona de conforto epistemológico, nos inquieta, desestabiliza e nos provoca a pensar em novas perguntas geradas a partir das evidências das sociedades e não a partir de conceitos e experiências que se apresentam como universais. A obra é uma forma de provocação aos pesquisadores, esse parece ser seu público privilegiado, mas eu iria além e a recomendaria a qualquer pessoa que pretenda ampliar sua leitura de mundo.

Referências

OYEWÙMÍ, Oyèrónké. *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Trad. Wanderson Flor do Nascimento. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. 324 p.

SOUSA, Sandra Tanhote. Resenha da obra: A Invenção das Mulheres: construindo um sentido Africano para os Discursos Ocidentais de Gêneros. *Ilha – Revista de Antropologia*, Florianópolis, v. 25, n. 2, e90791, p. 155-160, maio de 2023.

Sumário de *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*

Prefácio

Introdução: Visualizando o corpo

1. Teorias Ocidentais e sujeitos africanos
2. (Re)constituindo a cosmologia e as instituições socioculturais Oyó-Iorubás
3. Fazendo história, criando gênero: a invenção de homens e reis na escrita das tradições orais de Oyó
4. Colonizando corpos e mentes: gênero e colonialismo
5. A tradução das culturas: generificando a linguagem, a oralitura e a cosmopercepção iorubás

Agradecimentos

Notas

Posfácio – uma obra referencial para a afirmação do pensamento e dos modos de existências africanos | Claudia Miranda

Bibliografia

Índice Remissivo

Resenhista



Evelyn de Almeida Orlando é doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) (2013) e professora e pesquisadora da mesma instituição. Publicou, entre outros trabalhos, [Mulheres, educação e catolicismo: experiências diversas entre Brasil e Portugal](#), [Educação, religião e cultura: temas e problemas em história da educação](#) e [Intelectuais e Educação: contribuições teóricas à História da Educação](#). ID Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5837085501572080>; ID Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5795-943X>; redes sociais: @evyorlando; e-mail: evelynorlando@gmail.com.

Para citar esta resenha

ORLANDO, Evelyn de Almeida. De onde vêm nossas referências? Resenha de: OYEWUMÍ, Oyèrónké. *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Trad. Wanderson Flor do Nascimento. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. 324 p. *Crítica Historiográfica*. Natal, v. 6, n. 30, p. 1-5, jul. / ago., 2026.

© – Os autores que publicam em *Crítica Historiográfica* concordam com a distribuição, remixagem, adaptação e criação a partir de seus textos, mesmo para fins comerciais, desde que lhes sejam garantidos os devidos créditos pelas criações originais. (CC BY-SA).